UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

ANIMALIDADE, PENSAMENTO E REVOLTA: PENSAMENTO SOCIAL E TEORIA DO CONHECIMENTO EM MIKHAIL BAKUNIN

Bolsista: Daniel Tavares dos Santos, FAPEAM

MANAUS
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTIFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB – H – 0076/2008

ANIMALIDADE, PENSAMENTO E REVOLTA: PENSAMENTO SOCIAL E TEORIA DO CONHECIMENTO EM MIKHAIL BAKUNIN

Bolsista: Daniel Tavares dos Santos, FAPEAM

Orientador: Prof. Dr. Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto

MANAUS
2009

RESUMO

Mikhail Alexandrovich Bakunin foi, sem sombra de dúvida, a figura mais importante do Pensamento Anarquista e, uma das mais importantes do Movimento Revolucionário/Operário Internacional. Participou ativamente dos principais levantes revolucionários do século XIX e, travou “embates” importantes com as mais célebres figuras, do movimento operário internacional, que foram seus contemporâneos. A volta ao pensamento social de Bakunin, se mostra, no mínimo, um esforço interessante, na medida em que propicia um olhar crítico de nossa realidade (questões tais como as relacionadas às do Estado, da Religião, às relativas aos grupos Étnicos entre outras) para além das "lentes" oferecidas pelos teóricos marxistas, ou ainda, na medida em que propõe um projeto societário – e um método de ação – fundado em bases totalmente díspares dos da sociedade atual, e não menos "diferente" dos apregoados pelos grupos de esquerda que se dizem influenciados pelo pensamento da dupla Marx e Engels. Para além do pensamento social e/ou da teoria sócio-política, um mergulho na tentativa de análise de uma "Teoria do Conhecimento", presente no escritos Bakuninianos se mostra um empreendimento relevante, na medida em que, tenta abrir a perspectiva para uma outra forma de “apreensão da realidade”. Tal empreendimento nos propicia pensar, também, o extraordinário vigor e atualidade do pensamento deste autor.

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Livros encontrados e suas localizações.....15

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....5

2. BAKUNIN, UM HOMEM QUE PENSAVA A MODERNIDADE.....7

2.1 Uma vida em meio a revoluções.....7

2.2 Bakunin e a modernidade.....8

3. INTERPRETAR PARA COMPREENDER, COMPREENDER PARA INTERPRETAR: acerca de uma "metodologia in flâneur".....12

3.1 O anarquismo, e Bakunin, nas bibliotecas públicas da cidade de Manaus.....14

4 PENSAMENTO SOCIAL: DAS SÓCIO-ANALÍTICAS E DAS PROPOSIÇÕES SÓCIO-POLÍTICAS, PRESENTES NOS ESCRITOS DE BAKUNIN.....19

5 UMA TEORIA DO CONHECIMENTO EM BAKUNIN?.....25

6 ANIMALIDADE, PENSAMENTO E REVOLTA: UMA GUISA DE CONCLUSÃO.....29

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....31

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO..... 36

1 INTRODUÇÃO

Mikhail Alexandrovich Bakunin foi, sem sombra de dúvida, a figura mais importante do Pensamento Anarquista e, uma das mais importantes do Movimento Revolucionário/Operário Internacional. Participou ativamente dos principais levantes revolucionários do século XIX e, travou “embates” importantes com as mais célebres figuras, do movimento operário internacional, que foram seus contemporâneos.

Pensar esta gama de representações “utópicas” – como são entendidas, via de regra, as proposições anarquistas/libertárias – que, apenas na aparência, já fizeram seu tempo, pode contribuir para manter viva uma longa tradição de pensamento e de lutas, engajadas na “criação” de um mundo onde as idéias de liberdade, solidariedade e autonomia, não são compreendidas apenas como um instrumento – discursivo – de (re)construção da subalternidade. É sobre estes conceitos, no limites deste entendimento, e de sua articulação com as exigências igualitárias, e dos meios necessários para compô-la num todo que, de certa forma, falava Bakunin.

A volta ao pensamento social de Bakunin, se mostra, no mínimo, um esforço interessante, na medida em que propicia um olhar crítico de nossa realidade (questões tais como as relacionadas às do Estado, da Religião, às relativas aos grupos Étnicos entre outras) para além das "lentes" oferecidas pelos teóricos marxistas, ou ainda, na medida em que propõe um projeto societário – e um método de ação – fundado em bases totalmente díspares dos da sociedade atual, e não menos "diferente" dos apregoados pelos grupos de esquerda que se dizem influenciados pelo pensamento da dupla Marx e Engels.

Para além do pensamento social e/ou da teoria sócio-política, um mergulho na tentativa de análise de uma "Teoria do Conhecimento", presente no escritos Bakuninianos se mostra um empreendimento relevante, na medida em que, tenta abrir a perspectiva para uma

outra forma de “apreensão da realidade”. Tal empreendimento nos propicia pensar, também, o extraordinário vigor e atualidade do pensamento deste autor.

Este relatório esta dividido basicamente em três partes. Na primeira apresenta-se o autor e o contexto social a partir do qual escreve; Na segunda, discuti-se as questões metodológicas do trabalho, a forma de trabalhar com fontes secundárias, os percalços da pesquisa etc.; e por fim se analisa e apresenta as proposições de Bakunin referentes ao pensamento social e o conhecimento.

2 BAKUNIN, UM HOMEM QUE PENSAVA A MODERNIDADE

2.1 Uma vida em meio a revoluções[1]

Mikhail Alexandrovich Bakunin, nasceu no dia 30 de maio de 1814, na província do Tver, Rússia. Oriundo de uma família nobre, Bakunin cedo rompe com seu pai, aos 18 anos, ao se recusar a ingressar no serviço público e a inscrever-se na Universidade de Moscou. Seu ingressou no mundo da literatura e da filosofia se dá nos anos de 1830, quando conhece a obra de Fichte e Hegel. Em 1840, então com 26 anos, vai para Paris, e conhece os intelectuais estrangeiros ali radicados, encontrando, assim, além Proudhon, também, em 1844, Marx.

Com o estopim da revolução, em fevereiro de 1848, Bakunin se dirige à Paris, mais uma vez, ficando lá cerca de 1 (um) mês, partindo em seguida para a Polônia a fim de lá fomentar a revolta, sem, no entanto, conseguir obter êxito. Foi preso em 1849 e condenado à morte por participar da insurreição de Dresden.

Começa assim seu longo período de reclusão que muito contribui para a sua fama de grande revolucionário. Logo, Bakunin, é entregue as autoridades austríacas que o deportam para a Rússia, em 1851, onde é mantido preso por anos na fortaleza de "Pedro e Paulo", depois transferido, em 1854, a Schlüsselburg, e, finalmente enviado à Sibéria, em 1857, de onde foge em 1861, dirigindo-se para Londres, onde residiu de por 3 (três) anos.

Funda, depois, em Florença – no mesmo ano de fundação da Internacional[2], 1864 – a sociedade secreta anarquista "a fraternidade Internacional Revolucionária" e passa a viver na Itália.

---

[1] Esta reconstrução histórica da vida de Bakunin se faz tendo por base as indicações de JOLL (1970) e Woodcock (2006)

[2] A Internacional foi uma associação – Associação Internacional do Trabalho – que agrupou, na segunda metade do século XIX, um grande número de militantes da causa operária, se tornando a maior associação do gênero, existente até então.

Em 1868 juntou-se à Internacional e, nela, liderou a corrente que se opunha a Marx; sendo oficialmente expulso em 1872. Junto com ele muitos membros oriundos da Itália, Espanha, França, Bélgica e Suíça saíram, fundando uma organização independente, a chamada “Internacional St. Imier”.

Nas palavras do Socialista Filippo Turati “contar a vida de Bakunin é contar a vida do socialismo e da revolução na Europa durante mais de trinta anos (1840-1876), pois ele contribuiu ou participou de todos os progressos da idéia e dos fatos revolucionários”. Na década que se iniciou em 1870 Bakunin tomou parte nas revoltas de Lyon e Bolonha, acabando por morrer em Berna, onde foi sepultado.

2.2 Bakunin e a modernidade

Bakunin foi um homem de seu tempo e, a princípio, assim ele o deve ser pensado, suas reflexões (analíticas, políticas etc.) versavam sobre as transformações que a sociedade vinha sofrendo - a partir das revoluções pelas quais passou (industrial, Francesa e cientifica) - em seu tempo. Tempo de irrupção do que hoje chamamos modernidade.

Para nosso entendimento do local em que Bakunin se põe a pensar, faz-se interessante salientar aqui, como bem coloca Foucault (1999), que a reflexão sociológica nasce, enquanto projeto de um conhecimento científico, tendo por “parideira” determinadas situações, obstáculos que se faziam necessários superar. Coloca que, “certamente, não resta dúvida de que a emergência histórica de cada uma das ciências humanas tenha ocorrido por ocasião de um problema, de uma exigência, de um obstáculo de ordem teórica ou prática;” e acrescenta que “foram necessárias, sem dúvida, as ameaças que, desde a revolução, pesaram sobre os equilíbrios sociais e sobre aquele mesmo que instaurara a burguesia, para que aparecesse uma reflexão do tipo sociológico” (FOUCAULT, 1999).

Evidentemente que não se quer aqui elaborar uma reflexão acerca das ciências humanas como um todo, e deu seu "nascimento", mas de apenas demarcar o campo de onde, repito, se pode encontrar um Bakunin que pensa a modernidade.

Para isto é interessante ainda colocar, a respeito da sociologia, que "a região sociológica teria encontrado seu lugar lá onde o indivíduo que trabalha, produz e consome se confere a representação da sociedade em que se exerce essa atividade, dos grupos e dos indivíduos e entre os quais ela se reparte, dos imperativos, das sanções, dos mitos, das festas e das crenças mediante os quais ela é sustentada ou regulada." (FOUCALT, 1999).

Desta forma é que Bakunin pode, então, ao lado de outros pensadores "clássicos" da sociologia, ser considerado, como coloca Sell (2006) a respeito destes, um interprete da modernidade. Para este autor, os clássicos da sociologia foram os primeiros intérpretes do mundo moderno. Eles nos ajudaram a entender que a modernidade implica uma profunda ruptura com o passado, trazendo novas formas de organização, distribuição do poder e, compreensão da existência. Foi para explicar as diferenças do mundo moderno com as sociedades do passado, bem como entender o motivo destas mudanças, que os primeiros teóricos da sociologia fizeram suas análises empíricas. (SEEL, 2006).

Assim, então, é que neste trabalho parte de se considerar Mikhail Bakunin, também, como um teórico da sociologia, uma vez que seus escritos se inserem em toda esta "onda" de preocupações que foram, e de certa forma ainda o são, presentes, e fundamentais, nas análises e reflexões sociológicas.

Mas as reflexões de Bakunin, como de certa forma todas as reflexões em ciências sociais, não se faziam colocar de forma imparcial, Bakunin era, antes de tudo, crítico ferrenho da sociedade capitalista e dos desdobramentos sócios-políticos levados a cabo pela irrupção da modernidade. Assim sendo Bakunin se colocava como um defensor da destruição da

sociedade capitalista, como um anarquista[3], demonstrava sua confiança "no eterno espírito que destrói e aniquila apenas porque é a inexplorada e eternamente criativa origem de toda a vida", e que "a ânsia de destruir é também uma ânsia criativa" (BAKUNIN apud WOODCOCK, 2007a).

É a partir deste seu posicionamento teórico-político, o anarquismo, que se pretende compreender a contribuição teórico-interpretativa e teórico-analítica, das contribuições dos escritos bakuninianos, pois partilhamos a idéia de que, "toda teoria sócio-política tem como base uma teoria do conhecimento, quer dizer, o processo pelo qual o cogito sucede os homens [...] trata-se nem mais nem menos, para cada pensador, de demonstrar que a humanidade atingirá naturalmente um nível de consciência que confirmará suas opiniões". (VILAIN, in COÊLHO, 2001).

Para entendermos as implicações do escritos de Bakunin devemos ter claro que ele não era um escritor profissional, era, como coloca Resende, in Bakunin (2003), um escritor revolucionário, que, ao sentar-se para escrever, não se isola do movimento político-operário. Bakunin interrompia, abreviava textos, visando à participação nos acontecimentos. Daí a importância de acompanhar o movimento de seu pensamento através não apenas de texto mais elaborados - tal com Estatismo e Anarquia -, mas também de sua volumosa correspondência, sua literatura de propaganda – tanto o é assim que a grande maioria de publicações, em língua portuguesa, dos escritos de Bakunin se referem a artigos publicados originalmente em jornais, com objetivo de propaganda, ou de cartas por ele enviadas a amigos e companheiros do movimento político operário da Europa do século XIX – e daí procurar captar os desdobramentos de sua escrita, em certa medida, circular. Woodcock (2007a) coloca que Bakunin certa vez confessou a Herzen, seu amigo, que não tinha o menor senso de

[3] Aqui é importante colocar que partilhamos com Mintz (2006) a noção da diferenciação entre um anarquista e um libertário. Para Mintz, o anarquista pode ser entendido enquanto um sujeito que participa ativamente, milita, em determinada associação, coletivo, grupo Anarquista e; libertário poderia ser entendido como sujeito que nutre certa simpatia pelas idéias anarquista, porem não participa de nenhum grupo, não milita no Anarquismo.

composição literária e nenhum poder de concentração, de modo que tudo que começava a escrever logo perdia o rumo original e era geralmente abandonado a meio. De certa forma, Bakunin, com sua escrita, ia e vinha, se perdia para mais tarde se encontrar.

3 INTERPRETAR PARA COMPREENDER, COMPREENDER PARA INTERPRETAR: acerca de uma "metodologia *in flâneur*".

Sempre que nos colocamos em frente ao problema de estudar os escritos de um determinado pensador – nos utilizamos aqui do termo "pensador" baseado na idéia do próprio Bakunin acerca do pensamento. Para Bakunin, o ato de pensar é um ato que só se dá mediado pela linguagem, assim, quando pensa, o homem fala consigo mesmo e, ao falar consigo mesmo, está a dialogar com todo "capital simbólico" que adquiriu durante sua vida, está a dialogar com "todo o mundo". De sorte que, um pensador é aquele que se põe a dialogar com "todo o mundo" – uma questão básica se nos apresenta: qual a melhor caminho para chegarmos à compreensão sobre a obra deste determinado pensador? Será que devemos tomar o valor dos escritos a partir de si mesmos, no vigor das palavras escritas; ou então, apreende-lo a partir do campo discursivo (contextual) onde este vai buscar seu "lugar"? Para termos claro o direcionamento que devemos tomar, temos que primeiro nos colocar uma outra indagação, a saber, a referente aos resultados que se pretende chegar, quando se nos colocamos a realizar este empreendimento. Em nosso caso, trata-se de pensar, fundamentalmente, a partir de alguns escritos Bakuninianos, o que este (Bakunin) queria dizer quando "falava/escrevia"?

Assim, os desdobramentos da reflexão nos levam a pensar a relação interpretar/compreender, como um empreendimento que se dá num contínuo relacional onde se vai interpretando para compreender e compreendendo para interpretar. Assim,

> ""Compreender" significa aqui a imediatez da visão da inteligência que apreende um sentido. "interpretar", ao contrário, quer dizer a mediação pelo conhecimento racional, que pressupõe a imediatez da compreensão prévia, medindo-a, porém, racionalmente

> por decomposição, fundamentação e explicação, e elevando-a assim a imediatez mediata de uma compreensão aprofundada expressamente desenvolvida". (CORETH, 1973).

Desta forma nos colocamos a pensar os sentidos das "coisas escritas" por Bakunin, buscando encaminhar a apreensão deste sentido, não por uma "explicação" da forma da escrita ou do contexto sócio, político, econômico e intelectual de onde se escrevia – minimizando assim a questão a uma mera busca de relações causais –, mas sim a partir da "compreensão" do sentido destas "coisas escritas", apreender, de forma relacional, como foram escritas, para daí, partirmos ao entendimento próprio das questões que nos foram objeto de estudo ao longo da pesquisa (o pensamento social e a teoria do conhecimento).

Disto isto, encaminharemos nossa reflexão, agora, para a forma como empreendemos e/ou construímos a relação interpretação/compreensão no âmbito mesmo de nossa reflexão acerca de Bakunin e de seus escritos. Optamos por trabalhar naquilo que aqui chamamos de uma "metodologia *in flâneur*"[4].

Esta "metodologia *in flâneur*" se faz construída com base no personagem baudelairiano, o *flâneur* (ROCHA e ECKERT, 2001), que caminha pela cidade, caminha um percurso sem compromissos, sem destino fixo, em um estado de alma um tanto quanto indiferente, mas que marca uma trajetória, um itinerário e, que, assim, vai concebendo a (uma) cidade, o (um) movimento e, portanto, não faz uma caminhada inocente, mas constrói um entendimento, ordena o visível, organiza a experiência.

Desta forma, essa "metodologia *in flâneur*" nos propiciou olhar a obra de Bakunin de forma a entendê-la não com um todo sistematizado e linear, mas como algo que pode ser acessado a partir de vários "itinerários", que pode comportar múltiplas trajetórias, e ser concebida a partir de vários movimentos. Propicia, enfim, um vagar pelos fragmentos dos

[4] Que muito bem poderia ser chamada também de uma "hermenêutica in flâneur"

vários textos – o visível –, que podem ser organizados de várias maneiras, a partir das opções de quem se debruça sobre o(s) texto(s).

É claro que não se trata, aqui, da busca pela construção de modelos explicativos que dêem conta de apreender os sentidos dos escritos de um determinado autor. Essa opção metodológica – ou de "construção" de um *fazer* próprio à pesquisa – se justifica a partir da forma como são construídos os escritos de Bakunin. Trata-se, então, de pensar a metodologia não de forma conceitual/positiva, rígida, manualizadas[5], mas sim, de forma mais próxima do "espírito" daquilo que Adorno (2007) chama de "categoria de mediação", ou seja, pensá-la como algo que não se basta, nem se fecha em si mesma – e que logo não é algo a ser definida. Por fim, essa idéia, diz respeito a um pensar "o oceano da pesquisa sem a âncora do método" (OLIVA, 2005), mas tendo uma vaga idéia de onde se pode chegar.

3.1 O anarquismo, e Bakunin, nas bibliotecas públicas da cidade de Manaus

A obra de Bakunin é bastante extensa, várias cartas, artigos para jornais, relatórios etc. Bakunin "rabiscava copiosamente", mas nossos esforços em catalogar estas obras não tiveram o êxito esperado.

A respeito de um possível inventário dos escritos de Bakunin tivemos que concentrar nossas pesquisas apenas nos livros dos historiadores, que falam sobre Bakunin, publicados em língua portuguesa, uma vez que, as tentativas que fizemos junto ao "Instituto de História Social de Amsterdã – Arquivos Bakunin" não obtiveram respostas. Ainda assim, conseguimos identificar alguns títulos de textos escritos por Bakunin, sem maiores informações. Esses textos são: Reação na Alemanha (1848?); Estatismo e Anarquia (1873); Fundamentos de Política Eslava (1848?); Apelo aos Eslavos (1848?); Confissão ao Czar; Catecismo

[5] Aquela feita a partir dos "manuais" de pesquisa.

Revolucionário (1866?); Princípios da Revolução (1866?); Federalismo, Socialismo e Antiteologismo (há uma publicação em português sob este título que, no entanto, não conseguimos acesso); Algumas Palavras aos Nossos Jovens Irmãos da Rússia (1869?); Como se apresenta a Questão Revolucionária; Cartas à um Francês (1871)e; A Instrução Integral (1869).

Quando de nosso mergulho a procura de Bakunin, sobre o que ele falava, sobre o que dele falavam, saímos a procura desse material em algumas bibliotecas da cidade de Manaus, a fim de cumprirmos um dos objetivos que se propõe este projeto que é, justamente, o de proceder a um levantamento da obra escrita pelo, e acerca do, militante anarquista Mikhail Bakunin, e dos caminhos a se chegar a estas obras, revelando assim o compromisso com futuras pesquisas que, porventura, venham a ser realizadas abordando esta temática.

Para proceder este levantamento, junto às bibliotecas públicas da cidade de Manaus, utilizamos, como procedimento de coleta dos dados, a seguinte metodologia: pesquisar nos sistemas de catalogação dos acervos as palavras “Bakunin”, “anarquismo” e “anarquia”. Os livros que resultaram destas buscas foram organizados levando-se em conta a biblioteca pesquisada, o título encontrado, o autor, a editora e o ano de publicação. O quadro abaixo é composto pelas bibliotecas que possuíam títulos disponíveis em seus acervos.

Biblioteca pesquisada	**Título encontrado**	**Autor**	**Editora**	**Ano de publicação**
UFAM (Pergamum)	O Socialismo Libertário	Mikhail Bakunin	Global	1980
Biblioteca Pe. Agostinho Martin/Casa da Cultura	O que são comunidades alternativas (coleção primeiros passos)	Carlos A. P. Tavares	Brasiliense	1985
	Política: Ciência, vivencia e trapaça (Coleção	Paulo Martinez	Moderna	1990

	Polêmica)			
	Sociologia da Sociedade Brasileira	Álvaro de Vita	Editora Ática	1989
	Filosofando: introdução a filosofia	Maria Lúcia de Arruda Aranha	Moderna	1993
	Nova Enciclopédia Barsa. Volume I	-	-	-
	Enciclopédia Mirador. Volume II	-	-	-
Biblioteca Raimar Aguiar – Sistema FIEAM	O que o Tio Sam Realmente quer	Noam Chomsky	Editora Universidade de Brasília	1999
UEA Setorial Parintins (Pergamum)	Socialismo e anarquismo no início do século	Edgar Carone	Vozes	1996
UEA Setorial Tefé (Pergamum)	Socialismo e anarquismo no início do século	Edgar Carone	Vozes	1996

Tabela 1: Livros encontrados e suas localizações.
Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

Percebemos, assim, um silêncio acerca dos escritos sobre anarquismo, de modo geral e, particularmente sobre Bakunin, no âmbito da dos acervos públicos disponíveis para pesquisa/consulta. Deste modo, a pesquisa acabou tendo que se concentrar nos acervos particulares do aluno-bolsita e do professor-orientador da presente pesquisa, bem como de algumas pessoas do "movimento anarquista" da cidade de Manaus.

A respeito dos escritos creditados à Bakunin, nos foi possível, ter acesso a alguns títulos, tais como: "Deus e o Estado"; "Estatismo e Anarquia"; "Escritos Contra Marx"; "Bakunin – Textos Escolhidos"; "O socialismo libertário"; "O principio do Estado e Outros Escritos" e; Bakunin por Bakunin". Assim, optamos por tomar estes livros como referências-bases para o andamento da pesquisa. Evidentemente que no caminho nos deparamos com

inúmeros outros escritores – vide referências bibliográficas – que, em certo momento, escreveram acerca de Bakunin, mas de modo geral escreveram acerca Anarquismo.

"Deus e o Estado" é, como coloca Réclus & Cafieiro in Bakunin (2000a) na apresentação do livro, um fragmento de carta ou relatório que trata de discutir, fundamentalmente, a "fragilidade" da crença em uma autoridade divina e das autoridades temporais fundadas com bases nessa crença; "Estatismo e Anarquia", discuti a relação entre Estado e Revolução Social a partir dos desdobramentos da Guerra Franco-prussiana e da Comuna de Paris; Em "Escritos Contra Marx", Bakunin discuti as diferenças teóricas e programáticas entre os dois grupos presentes no seio da Internacional, que ele designa como sendo os "coletivistas anti-autoritários" e os "comunistas autoritários"; "Bakunin – Textos Anarquistas", agrupa uma série de textos de autoria de Bakunin sobre a revolução de 1848, sua relação com Marx e os marxianos, alguns programas de associações criadas por ele, e outros temas, como autogestão, religião e Estado; O "O socialismo libertário", se trata de uma série de artigos de Bakunin publicados originalmente no jornal operário francês L'egalité, com objetivo de propaganda da causa do operariado; "O principio do Estado e Outros Escritos", é uma edição composta por três textos em que Bakunin discute, e combate, os princípios estatistas e as tentativas reformistas dos burgueses, com base nos acontecimentos ocorridos em cidades francesas com a constituição de sociedades operárias no período da Comuna de Paris; E, Bakunin por Bakunin"[6], é uma edição que apresenta uma serie de cartas escritas por Bakunin aos seus "amigos" e que tratam de vários temas, tais como, o período em que esteve preso, o amor, a revolução etc.

Cabe aqui salientar, apenas pra fins de informação, que a grande maioria dos livros que versam sobre "anarquismo", "anarquia", ou são de autoria de Bakunin, foram (ou são) editados pela Editoria Imaginário e por Achiamé Editor. Recentemente, a Editora Imaginário

[6] Apesar de Gonçalves & Silva (2001) terem catalogado 16 títulos, de autoria Bakunin, publicados em língua portuguesa.

lançou (e lançará ainda) alguns títulos, que versam sobre a temática anarquista e libertária, em parceria com a Editora da Universidade do Amazonas (EDUA), revelando assim o interesse que vem ganhando força esta temática no âmbito universitário.

4 PENSAMENTO SOCIAL: DAS SÓCIO-ANALÍTICAS E DAS PROPOSIÇÕES SÓCIO-POLÍTICAS, PRESENTES NOS ESCRITOS DE BAKUNIN.

O que vem a ser este pensamento social? Nesta pesquisa entende-se o "Pensamento Social" de Bakunin a partir de dois movimentos do pensar. Primeiro, como Bakunin via a sociedade na qual vivia, como a interpretava e que análises tirava de suas observações desta sociedade. Segundo, qual a "solução" que propunha Bakunin, a partir de suas análises, para esta sociedade. O primeiro movimento diz respeito às proposições teórico-analíticas de Bakunin e, o segundo se refere às suas proposições teórico-políticas.

Voltando a Bakunin, pudemos perceber que seu eixo de preocupação gira em torno das questões acerca do Estado, da Ciência, do Movimento Operariado, da Liberdade, dos caminhos da Sociedade moderna com os desdobramentos do capitalismo, da Autoridade, da Revolução, da Religião e de alguns outros, e estes temas são trabalhados em sua reflexão de forma articulada. Assim, quando Bakunin discuti o Estado está, também, a discutir, que os caminhos do movimento revolucionário dos trabalhadores – e aí discute a revolução – se guiados pelo preceito Marxista, pelo socialismo científico – e aí discuti a ciência – acabaria por constituir um novo Estado e uma nova "Burocracia Vermelha" – e aí discuti a Autoridade. Assim, Bakunin, anarquista, nega o Estado, para negar a autoridade (impositiva), daí para negar o poder, poder da ciência, da igreja e de todo poder constituído que se queira também constituir em autoridade pelo poder, ou queira se colocar como um Estado.

Desta forma, para pensarmos numa sistematização das proposições de Bakunin, devemos primeiro lidar com alguns "defeitos literários" (CAFIERO & RÉCLUS, 2000a) comumente presente na obra de Bakunin, a falta de proporções, a sobreposição dos temas discutidos e a circularidade de sua escrita. Quando escrevia, Bakunin começava a dissertar

sobre determinado assunto e, de repente, mudava o objeto de sua argumentação para mais tarde voltar a ele, exagerava em certos aspectos, enquanto deixava outros de lado e, abordava várias questões ao mesmo tempo.

A respeito do Estado Bakunin é enfático e afirma que, "quem diz Estado, diz necessariamente dominação e, em conseqüência, escravidão; um Estado sem escravidão, declarada ou disfarçada, é inconcebível; eis porque somos inimigos do Estado" (BAKUNIN, 2003). É por estas idéias que Bakunin liderou na Associação Internacional dos Trabalhadores a correntes dos "anti-autoritários", pois para Bakunin o Estado era o lócus de imposição da autoridade, seja ela qual fosse. Para Bakunin, todo poder estatal, seja exercido em nome de deus, da ciência, o do povo, seja antigo e moderno, configura, sempre, aos seus olhos,... "o corpo visível da inteligência exploradora e doutrinária das classes privilegiadas" (PIOZZI, 2006).

Bakunin colocava, quando falava do Estado, ou das pretensões de se manter o Estado, e por is mesmo o seu governo, que,

> "sob qualquer ângulo que se esteja situado para considerar esta questão, chega-se ao mesmo resultado execrável: o governo da imensa maioria das massas populares por uma minoria privilegiada. Esta minoria, porém dizem os marxistas, compor-se-á de operários. Sim, com certeza, de antigos operários, mas que, tão logo se tornem governantes ou representantes do povo, cessarão de ser operários e pôr-se-ão a observar o mundo proletário de cima do Estado; não mais representarão o povo, mas a si mesmos e suas pretensões de governá-lo. Quem duvida disso não conhece a natureza humana" (BAKUNIN, 2003).

É aí, principalmente, na negação do Estado, que Bakunin vai demarcar que, o lado em que se coloca neste campo de luta pela "hegemonia" no movimento operário internacional, é contra Marx e seus seguidores. E é, em grande parte, em virtude deste embate que a grande maioria dos escritos anarquistas de Bakunin foram produzidos.

No que diz respeito a reflexão de Bakunin a respeito da ciência, devemos pensá-la enquanto vinculada com a questão da superação do estado das coisas. Em Bakunin há uma enorme valorização do papel da ciência no processo transformador, o que comprova o seu "comprometimento" com a "religião" de seu século, porém, em Bakunin, esta crença não se traduz em uma proposta de um governo dos sábios, destinada conduzir as massas até o seu completo amadurecimento – como já colocado acima Bakunin negava qualquer forma de governo. Argumenta Bakunin, que o ensino e a ciência são salutares, "sim, salutar de fato, mas só se o ensino não for falsificado e a ciência deturpada por um doutrinarismo perverso em proveito da mentira oficial e da iniqüidade", e acrescenta que, "infelizmente hoje o ensino e a ciência, na maioria esmagadora das escolas e das universidades da Europa, encontra-se precisamente nesse estado de falsificação sistemática e premeditada.. Poder-se-ia dizer que estas últimas foram expressamente fundadas para o envenenamento intelectual e moral da juventude burguesa. São mais umas lojas de privilegiados onde a mentira se vende no atacado e no varejo" (BAKUNIN, 1980).

Bakunin coloca que o governo constituiria o maior empecilho à democratização da ciência acabando por gerar uma nova casta aristocrática. Para Bakunin, esse "progresso", propiciado pela experiência histórica do trabalho e do pensamento, estaria se evidenciando nos "tempos modernos" em tendências capazes de transformar a sociedade como um todo no plano da sensibilidade e do entendimento.

Em toda sua argumentação acerca da ciência essa dicotomia (do que a ciência pode ser e de como ela está) se faz presente e quanto a isso Bakunin é implacável:

> “Na nossa opinião, de todas as aristocracias que, uma após outra e, por vezes, simultaneamente, oprimiram a sociedade humana, a chamada aristocracia da inteligência é a mais odiosa, a mais nojenta, a mais impertinente e a mais opressiva. A aristocracia nobiliária diz-nos: “Vós sois um homem muito delicado, mas não nasceste nobre!” Ë urra injúria que ainda se pode suportar. A aristocracia do capital nos reconhece todos os tipos de méritos, “mas, acrescenta, você não tem um tostão!” igualmente suportável, porque mais não se trata do que a constatação de um tato, que, na maior parte dos casos, acaba por favorecer aquele a quem se dirigia o reparo. Mas a aristocracia da inteligência diz: “Você não sabe nada, você não compreende nada, você é um burro, e eu, homem inteligente, tenho de lhe pôr os arreios e dirigi-lo”. Isto é que é intolerável”. (BAKUNIN, 1980)

Contra isso coloca a seguinte questão: “Que devemos nós aconselhar ao mundo operário para romper este círculo vicioso?” e responde em seguida, “instruir-se, apropriar-se dessa poderosa arma que é a ciência, sem a qual pode perfeitamente fazer revoluções, mas nunca poderá estar em condições de estabelecer, sobre as ruínas dos privilégios burgueses, essa igualdade, essa justiça e essa liberdade que constituem o fundo de todas as aspirações políticas e sociais” (BAKUNIN, 1980).

Assim, a ciência vai se configurando como um elemento fundamental no pensamento bakuniniano, pois, como coloca Piozzi (2003), “a efetivação histórica concreta desse modelo societário (o federalismo anarquista de Bakunin) é resultado da confluência entre o progresso civilizatório das Luzes e a irrupção revolucionaria dos que se encontram radicalmente excluídos desse avanço”. Ou seja, ciência e revolução caminham juntas, para Bakunin, na construção da nova sociedade. Comenta Bakunin a respeito da revolução (ou da necessidade

de se revoltar) e do pensamento (ou da capacidade de pensar), que "Estas duas faculdades[7], combinando sua ação progressiva na história, representam a potência negativa no desenvolvimento positivo da animalidade humana, e criam consequentemente tudo o que constitui a humanidade nos homens" (BAKUNIN, 2000a).

Mas em que consiste este elemento revolucionário que aliado à ciência fará surgir este "novo mundo"? Para Bakunin, o grande elemento revolucionário nos homens estaria baseado na solidariedade, e não em um programa político que se proclama sob a chancela da ciência. Assim, se a ciência se configura como o maior aliado na luta revolucionária, ela, por si só, não pode aglutinar sob seu discurso todo o panteão de reivindicações e de "esperanças" dos movimentos libertários, "a ciência é a bússola da vida, não a vida" (BAKUNIN, 2000a).

> "A ciência – diz Bakunin – só pode compreender e denominar os fatos reais em seu sentido geral, em suas relações, em suas leis; numa palavra, o que é permanente em suas informações contínuas, mas jamais seu lado material, individual, por assim dizer, palpitante de realidade e de vida, e por isso mesmo, fugitivo e inapreensível. A ciência compreende o pensamento da realidade, não a realidade em si mesma; o pensamento da vida, não a vida. Eis seu limite, o único limite verdadeiramente intransponível para ela, porque ela está fundada sobre a própria natureza do pensamento, que é o único órgão da ciência". (BAKUNIN, 2000a)

Para Bakunin, a solidariedade dos homens em busca da superação da sociedade capitalista, é o elemento aglutinador nos homens, e isto se daria pelo fato dos homens se reconhecerem enquanto iguais em seu sofrimento, em seu estar diário, e não pela tomada de

[7] O homem se emancipou, separou-se da animalidade e se constituiu homem; ele começou sua história e seu desenvolvimento especificamente humano por um ato de desobediência e de ciência, isto é, pela revolta e pelo pensamento (BAKUNIN, 2000a).

consciência política via uma classe de “operários do pensamento”. Desta forma é que rejeita o ideal programático científico marxiano que “institui” os caminhos que a revolução deve seguir, que coloca, por exemplo, a tomada do poder político como o primeiro passo da “caminhada revolucionária”.

Acreditava assim em um “instinto de revolta” como o grande motor das mudanças, a revolta contra o já estabelecido, e vai dizer que o único instinto verdadeiramente inato no homem é seu “instinto de revolta”, “por mais que dele não se tenha consciência, até o bebê chora de revolta contra fome” (BAKUNIN, 2000a). Assim a revolta, a solidariedade e a ciência são componentes importantíssimas na superação do “atual” estado das coisas, na superação da desigualdade, da injustiça, do autoritarismo que reinam na sociedade que Bakunin observa.

Contra esta sociedade o autor propõe uma sociedade organizada de cima para baixo por meio da associação de homens livres e iguais (econômica, social e politicamente), formando uma Federação Internacional. Mas Bakunin, longe de criar um modelo de nova sociedade, negou a própria possibilidade de construção de um modelo. Para Bakunin os próprios desdobramentos da revolução social lançariam as bases da nova organização da sociedade. É a famosa proposição de que “o caos destruidor é também um caos criativo”.

5 UMA TEORIA DO CONHECIMENTO EM BAKUNIN?

A grande maioria dos autores que discutem Bakunin são unânimes em não considerá-lo um escritor, na acepção mais completa do termo. Joll (1970) coloca mesmo que "o pensamento de Bakunin nunca foi muito sutil ou muito original; e na verdade, devotado todo à causa da revolução, ao longo da vida, foi mais através de atos conspirativos e de revoltas do que com teorias acerca da mudança social ou econômica que exprimiu a sua paixão". Woodcock (2007) acrescenta afirmando que Bakunin "fracassou onde a maioria dos grandes anarquistas foi bem-sucedida – como escritor. Embora rabiscasse copiosamente, não deixou um único livro que transmitisse suas idéias à posteridade. [...] Nem sequer as idéias que podemos selecionar de seus escritos são muito originais: de resto, dizem muito pouca coisa que não tenha sido inspirada de alguma forma em Hegel, Marx, Comte ou Proudhon".

Assim, admitindo as colocações destes autores, uma questão se nos apresenta: há uma teoria do conhecimento em Bakunin? Nossa resposta se faz positiva, na medida em que, compreendemos haver em seus textos uma lógica que, por menos "original" que seja, torna inteligível suas análises e proposições. Assim a "teoria do conhecimento" que apreendemos em Bakunin, nos seus escritos, deve também ser tomada enquanto demarcação de uma posição político-ideológica.

Assim, pensar o "cogito" em Bakunin é pensar uma luta constante contra a autoridade pré-concebida – como se o conceitual, ou como diria Bakunin, a metafísica, tivesse uma existência fora do real – contra a abstração idealizada do real.

Para Bakunin (2003), "quem se apóia na abstração, nela encontrará a morte. A maneira viva, concretamente racional de avançar, no domínio da ciência, é ir do fato real à idéia que o abarca, o exprime e por isto mesmo o explica. No domínio prático, o caminho da vida social leva à maneira mais racional de organizá-la, de acordo com as indicações, condições,

necessidades, exigências mais ou menos apaixonadas da própria vida". Daí admite com, ou a partir de Marx, a dialética do real como materialista e o idealismo como uma inversão do "real".

Desta forma, o autor, entende a conhecimento como manifestação da vida social e natural, e não o contrário. Compreende o conhecimento como oriundo da reflexão sobre determinado fato e, assim, admite a idéia de que as formações históricas podem chegar a ser o que são por maneiras diversas uma das outras, que possuem especificidades próprias. Esta idéia fica clara quando Bakunin "discute" com Marx a questão de um programa político no seio da Internacional. Coloca que,

> "pretender que um grupo de indivíduos, mesmo os mais inteligentes e mais bem-intencionados, serão capazes de tornar-se o pensamento, a alma, a vontade dirigente e unificadora do movimento revolucionário e da organização econômica do proletariado de todos os paises, é uma heresia tão grande contra o senso comum e contra a experiência histórica, que nos perguntamos com espanto como um homem tão inteligente quanto Marx pôde concebê-la. Os Papas têm tido ao menos como desculpa a verdade absoluta [...] o senhor Marx não tem essa desculpa, não lhe farei a injuria de pensar que ele imagine ter cientificamente inventado algo que se aproxime da verdade absoluta. Mas , como a verdade absoluta não existe, não pode haver para a internacional dogma infalível, nem portanto uma teoria política ou econômica oficial"(BAKUNIN,2008a)

Com essas palavras Bakunin nos abre perspectivas interessantes para pensar sua teoria do conhecimento e da mudança social – levando, claro, sempre em consideração o contexto a partir do qual ele falava. Bakunin, mesmo defensor da ciência positiva e dos caminhos ao qual esta poderia levar a humanidade, traz em suas "teorias" concepções interessantes para se discutir essa própria ciência. Assim, se Bakunin compreende o estabelecimento de leis gerais da sociedade, oi faz sem esquecer que essas leis gerais são reflexões sobre a sociedade e não a própria sociedade, reflexões

sobre a vida, “mas não a própria vida”, e desta forma não confere a ciência o estatuto da verdade absoluta, mas sim o da reflexão construída como aproximação do real.

Bakunin coloca, ainda, que todo desenvolvimento implica a negação do ponto de partida. “A base, ou o ponto de partida, segundo a escola materialista, sendo material, a negação deve ser necessariamente ideal. Partindo da totalidade do mundo real, ou daquilo que se chama abstratamente de costume, ela chega logicamente à idealização real, isto é, à humanização, à emancipação plena e inteira da sociedade. [...] a humanidade é, ao mesmo tempo e essencialmente, a negação refletida e progressiva da animalidade nos homens; e é precisamente esta negação, racional por ser natural, simultaneamente histórica e lógica, fatal como o são os desenvolvimentos e as realizações de todas as leis naturais no mundo, é ela que constitui e que cria o ideal, o mundo das convicções intelectuais e morais, as idéias”. (BAKUNIN, 2000a).

Desta forma Bakunin apreende que a ciência se faz contra o estabelecido, negando (dialeticamente) o real, para daí construir a idealização (reflexão) do real. Reconhece, o autor (Bakunin, 2000a), “com a escola de Comte”, que não se pode ir contra os fatos e as situações nacionais engendradas pela história, que esses fatos e essas situações estão submetidos à sua própria e inflexível lógica, mais forte do que os indivíduos e os grupos, e entende que a reflexão sobre o real se dá tomando por base que estas “não caíram do céu”, mas fazem parte da mesma realidade, elas são modelados por ela e, à sua maneira, ainda que sob uma forma reduzida, exprimem esta realidade, sob a condição, evidentemente, de se estude “atentamente, escrupulosamente e sem se causar a mínima ilusão, a realidade”.

Mas pensar a realidade, por si, não resolve os problemas sociais, é preciso agir sobre esses problemas, e este agir se faz colocado, principalmente pelo busca da liberdade dos indivíduos. Bakunin (1980) entende a liberdade, do ponto de vista positivo, como o pleno desenvolvimento de todas as faculdades que o homem possui; e, do ponto de vista negativo, a inteira independência da vontade de cada um face aos outros. Na sociedade capitalista a

liberdade à que os indivíduos estão fadados se resume apenas ao aspecto econômico. No tocante aos outros aspectos da vida social esta liberdade se estende apenas aos “burgueses” e trata, como coloca Bakunin, da “liberdade de explorar a escravatura das massas populares que, não tendo, nas condições atuais, da liberdade senão o direito, e não os meios, continuam forçosamente subjugadas pelos burgueses” (BAKUNIN,1980).

6 ANIMALIDADE, PENSAMENTO E REVOLTA: UMA GUISA DE CONCLUSÃO

Muito pouco, ou quase nada, ao longo deste relatório foi especificamente relacionado à tríade conceitual que dá título do projeto: "Animalidade, Pensamento e Revolta", optou-se então nesta conclusão por relacionar, de forma específica, as coisas já escritas à este entendimento. Bakunin, ao iniciar o texto de "Deus e o Estado" o faz com a seguinte colocação:

> Três elementos ou três princípios fundamentais constituem, na história, as condições essenciais de todo desenvolvimento humano, coletivo ou individual: 1º) *a animalidade humana*; 2º) *o pensamento*; 3º) *a revolta*. À primeira corresponde propriamente *a economia social e privada*; à segunda, *a ciência*; à terceira, *a liberdade*.

Assim, recuperando as coisas já escritas, podemos definir, em síntese, o pensamento de Bakunin. Há, no autor, uma opção teórico-conceitual-chave para se entender os desdobramentos das idéias acerca da sociedade, que é partilhado pela maior parte dos intelectuais socialistas do século XIX, e que diz respeito à influencia da economia nos diversos ramos da vida social. Para Bakunin a "animalidade" é o que há de primordial no homem, que negando-a alcança sua humanidade.

A humanidade do homem se constituiria então pela por um ato negativo de sua animalidade por meio de sua reflexão, pelo pensamento, este, a segunda condição essencial do desenvolvimento humano. O pensamento como ato social, como o concebe Bakunin, é o responsável pela negação da animalidade no homem, animalidade tomada enquanto um ato "individual" na medida em que corresponde a própria sobrevivência do homem ou de seu grupo.

Porém, o pensamento, por si só, negando a animalidade, não consegue o estabelecimento de uma sociedade ideal, que equilibre os interesses “conflitantes”, que se fazem aparecer. É somente a revolta, a ânsia de liberdade, que consegue a mudança nas relações sociais estabelecidas. Desta forma a “Revolução Social”, em contraposição ao Estado, é a mais perfeita expressão do desenvolvimento humano, segundo o modelo analítico bakuniniano, pois é por ela, e somente por ela, que os subalternos da sociedade, organizados por meio de sua solidariedade, podem alcançar a sua efetiva liberdade – econômica social e política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. Introdução à sociologia. São Paulo: Editora UNESP, 2008

ANDRADE, Manuel Correia de (org). Élisée Reclus. São Paulo: Ática, 1985.

BAKUNIN, Mikhail. Bakunin por Bakunin (cartas). Brasília: Novos tempos, 1987.

_____. Bakunin: Textos Anarquistas. São Paulo: L&PM, 2008a.

_____. Deus e o Estado. São Paulo: Editora Imaginário, 2000.

_____.Escritos contra Marx. São Paulo: Editora Imaginário, 2001

_____.Estatismo e Anarquia. São Paulo: Editora Imaginário, 2003.

_____.Escritos de Bakunin. Manaus: Ovelha Negra, 2007.

_____.O principio do Estado e outros ensaios. São Paulo: Hedra, 2008b.

_____.O Socialismo Libertário. São Paulo: Global, 1980

BASTOS, Elide & PINTO, Renan (org). Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

BOOKCHIN, Murray. Anarquismo e Ecologia. Manaus: Ovelha Negra, 2007.

BOTELHO, Antonio José. Toques Anarquistas: Contribuições para uma visão de mundo alternativa. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Achiamé Editor, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004

CHALOUB, Sidney. Trabalho, Lar e Botequim. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COÊLHO, Plínio (sel). Os anarquistas julgam Marx. São Paulo: Editora Imaginário, 2001.

COLOMBO, Eduardo. Anarquismo, Obrigação Social e Dever de Obediência. São Paulo: Editora Imaginário, 2003.

_____. Análise do Estado: O Estado Como Paradigma de Poder. São Paulo: Editora Imaginário, 2001.

CORETH, Emerich. Questões fundamentais de hermenêutica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

DOLGOFF, Sam. A Relevância do Anarquismo para a Sociedade Moderna. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2005.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 7 ed. Petrópolis/ RJ: Vozes, Bragança Paulista/ SP: Editora Universitária São Francisco, 2005.

_____. Verdade e método II: complementos e índice. 3 ed. Petrópolis/ RJ: Vozes, Bragança Paulista/ SP: Editora Universitária São Francisco, 2007.

GALLO, Silvio. Anarquismo: Uma introdução filosófica e política. Rio de Janeiro: Achiamé Editor, 2000.

GONÇALVES, Adelaide, SILVA, Jorge. A Bibliografia Libertária: Um século de anarquismo em língua portuguesa. São Paulo: Editora Imaginário, 1999.

GUERIN, Daniel. Irmãos Gêmeos – Irmãos Inimigos. Manaus: Ovelha Negra, 2007.

JOLL, James. Anarquistas e Anarquismos. Lisboa: D. Quixote, 1970.

JOYEUX, Maurice. Autogestão, Gestão Operária e Gestão Direta. Manaus: Ovelha Negra, 2007.

KROPOTKIN, Piotr. As Prisões. Manaus: Ovelha Negra, 2007.

LEVAL, Gaston. et al. Autogestão e Anarquismo. São Paulo: Editora Imaginário, 2002.

LUIZETTO, Flávio. Utopias Anarquistas. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MALATO, Charles. As Theorias Anarchistas. Porto: Almeida e Sá, 1909.

MINTZ, Frank. Anarquismo Social. São Paulo: Editora Imaginário, 2006.

NORTE, Sérgio Augusto Queiroz. Bakunin: Sangue, suor e barricadas. Campinas: Papirus, 1988.

NOZICK, Robert. Anarquia, estado e utopia. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

PARIS, Robert. O Anarquismo. São Paulo: Editora Três, 1974.

PIMENTEL, Antonio de Serpa. O Anarchismo. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, 1884.

PIOZZI, Patrizia. Os Arquitetos da Ordem Anárquica. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

PROUDHON, Pierre-Joseph. Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria – Tomo I. São Paulo: Editora Escala, 2007.

_____. Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria – Tomo II. São Paulo: Editora Escala, 2007.

RESZLER, André. A Estética Anarquista. Braga: Eros, 1977.

ROCKER, Rudolf. A Ideologia do Anarquismo. São Paulo: Editora Imaginário, 2007.

RODRIGUES, Edgar. ABC do Anarquismo. Lisboa: Assírio & Alvim, 1975.

_____. Pequeno dicionário das Idéias Libertárias. Rio de Janeiro: CCeP, 1999.

SFERRA, Giuseppina. Anarquismo e Anarco-sindicalismo. São Paulo: Ática, 1987.

STEIN, Jeff. Marxismo: A Negação do Comunismo. Manaus: Ovelha Negra, 2007.

UNIÃO REGIONAL RHÔNE-ALPES. O Anarquismo Hoje: Um Projeto de Revolução Social. São Paulo: Editora Imaginário,, 2005.

VARES, Luiz Pilla. O anarquismo, Promessa de Liberdade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1988.

WAGNER, Richard et al. Bakunin. São Paulo: Editora Imaginário, 1994.

WALTER, Nicolas. Do Anarquismo. São Paulo: Editora Imaginário, 2000.

WOODCOCK, George. O Anarquismo. Lisboa: Meridiano, 1971.

_____. Anarquismo: Uma história das idéias e movimentos libertários. (Vol. 1). A Idéia. Porto Alegre: L&PM, 2007a.

_____. Anarquismo: Uma história das idéias e movimentos libertários. (Vol. 2). O Movimento. Porto Alegre: L&PM, 2007b.

_____. Os grandes escritos anarquistas. Porto Alegre: L&PM, 1988.

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

Nº	Descrição	Ago 2008	Set	Out	Nov	Dez	Jan 2009	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
1	**- Levantamento Bibliográfico**	**R**	**R**	**R**	**R**	**R**	**R**	**R**	**R**				
2	**- Fichamento dos textos**		**R**	**R**	**R**	**R**	**NR**	**R**	**R**	**R**			
3	**- Análise e sistematização dos dados coletados**			**R**	**R**	**R**		**R**	**R**	**R**	**R**		
5	**- Avaliação oral parcial**				**R**								
6	**- Elaboração do relatório parcial**						**R**						
7	**- Elaboração do Resumo e Relatório Final**											**R**	
8	**- Preparação da Apresentação Final para o Congresso**												**R**

R – realizado

NR – não realizado